

Data: 24 de outubro de 2640

Hoje o jantar na nossa casa, aqui na Ilha dos Andes, teve um clima que eu quase esqueci que existia: serenidade. Uma serenidade construída não pela ausência de ameaças — porque a Corporação continua lá fora, procurando por rastros — mas pela certeza íntima de que estamos fazendo a coisa certa.

Hellen preparou algo simples, mas acolhedor: ensopado de proteína vegetal cultivada, com tiras de raízes conservadas e um tempero leve das hortas hidropônicas que a Conspiração mantém aqui. Era uma refeição comum, mas com um gosto simbólico — tudo que conseguimos hoje é fruto do que conquistamos.

Sentamos os três.

Hellen estava tranquila. Eu também.

E Heloise... estava pensativa.

Hellen, ajeitando o prato:

— As amostras do laboratório estão estáveis. Se tudo continuar assim, em poucos dias vamos poder enviar as primeiras mudas para a Ilha dos Himalaias.

Alexis:

— Isso vai acelerar muito a implantação da vila. Solo com retenção de umidade muda tudo. Até o clima interno pode começar a regular.

Hellen sorriu discretamente. Era o sorriso de alguém que finalmente vê seu trabalho fazendo sentido.

Heloise, até então calada, observava nós dois.

Alexis:

— Filha, algo te preocupando?

Ela demorou a responder. Tocou a própria barriga com um gesto involuntário, protetor.

Heloise:

— Não é preocupação... é outra coisa.

Eu fico pensando no que tudo isso significa.

Em como a Conspiração é tratada como ameaça, quando tudo o que queremos é reconstruir o que foi destruído.

Hellen olhou para ela com delicadeza.

Hellen:

— E o que você sente?

Heloise respirou fundo. Seus olhos tinham aquele brilho estranho — que não é emoção comum, é convicção.

Ela se endireitou na cadeira, apoiou as mãos próximas ao prato e disse:

“Eu fiquei pensando...

A Corporação olha para nós e vê fraqueza.

Acha que somos só um grupo espalhado, sem recursos, sem poder.

Mas eles não entendem o que nos sustenta.

Eles confundem força com domínio.

Nós entendemos força como união”.

Ela olhou para nós com calma, como quem fala com o coração exposto:

“Um corpo só existe quando todas as partes trabalham juntas.

Aqui na Conspiração, eu vejo isso todos os dias.

Tem gente que constrói, gente que planta, gente que cuida, gente que protege.

E nenhum deles vale mais do que o outro.

A Corporação nunca vai compreender isso. Eles só entendem engrenagens.

Nós entendemos pessoas”.

Hellen enxugou discretamente o canto do olho.

Heloise continuou, agora com a firmeza que me arrepiava cada vez mais:

“E também lembro daqueles antigos cânticos... os que falavam do vale escuro, do medo que nos cerca, mas também do refúgio — não um refúgio feito de paredes, mas de propósito.

A Conspiração é isso.

Não é fuga.

É propósito.”

Ela pousou uma das mãos sobre o próprio ventre, com delicadeza.

“A Corporação acha que pode medir tudo: força, risco, eficiência.

Mas não consegue medir fé.

Não fé religiosa...

Mas fé no que podemos vir a ser.

E isso é algo que nenhum algoritmo deles consegue calcular.”

Ela respirou devagar, e então concluiu:

“Se a Corporação nos persegue, é porque não percebeu que já perdemos o medo.

Eles querem nos apagar, mas não podem apagar o que estamos construindo — porque o que estamos construindo não é deles: é do futuro.

Nós somos a prova de que mesmo um povo ferido pode voltar a florescer.

E se existe algo parecido com uma bênção hoje, ela é esta:

onde houver ruína, plantaremos vida;

onde houver opressão, cultivaremos liberdade;

onde houver silêncio, ergueremos esperança.

Porque nós não somos a sobra de um mundo destruído.

Somos o começo do mundo novo”.

Somos o começo do mundo novo.”